

CORRA, MELOS¹

Tradução: Fernando de Siqueira Rodrigues²

Revisão: Luciano Pimentel³

Melos foi tomado pela fúria. Ele estava determinado a derrubar aquele rei cruel e desalmado a qualquer preço. Não entendia nada de política. Sendo um simples pastor de uma pequena aldeia, levava uma vida tranquila, tocando flauta e cuidando das ovelhas. No entanto, os atos de maldade pareciam tocar nele mais fundo do que nas outras pessoas.

Naquele dia, antes mesmo de o sol nascer, deixou sua aldeia para cruzar campos e montanhas, percorrendo os cerca de quarenta quilômetros que a separavam de Siracusa. Melos não tinha pai nem mãe; tampouco era casado. Vivia com sua irmã mais nova, uma moça tímida de dezesseis anos de idade, que logo se casaria com um pastor de boa índole. E foi justamente para comprar o vestido de noiva e as comidas para o banquete de casamento que Melos havia viajado até aquela cidade. Tendo comprado tudo de que precisava, ele passou a caminhar, sem pressa, pela principal rua da capital. Planejava visitar seu amigo de infância, Selinuntius, que vivia e trabalhava como pedreiro em Siracusa. Muito tempo havia se passado desde a última vez que tinham se visto, e Melos mal podia esperar pelo reencontro. Durante seu trajeto, começou a perceber que havia algo estranho no ar. Estava tudo muito quieto. O sol já havia se posto, e a escuridão noturna havia tomado conta das ruas. Porém, a atmosfera de grande desolação não se devia apenas ao cair da noite. Mesmo sendo uma pessoa calma e despreocupada, Melos estava ficando cada vez mais inquieto. Ele parou um jovem que passava por ali e lhe perguntou o que havia acontecido, pois quando havia ido à cidade pela última vez, há coisa de dois anos, podia-se ver muito movimento nas ruas e pessoas cantando com empolgação mesmo à noite. O jovem se limitou a sacudir a cabeça sem responder. Um pouco mais adiante, o pastor cruzou com um homem idoso e lhe fez a mesma pergunta, só que de maneira mais enfática. O ancião não respondeu. Então, Melos segurou o velho senhor com ambas as mãos e o sacudiu, repetindo a pergunta. Hesitante, o idoso sussurrou umas poucas palavras:

— O rei mata as pessoas.

¹ “Corra, Melos” [走れメロス, *Hashire Merosu*]. Publicado originalmente em maio de 1940, na revista *Shinchô*.

² Fernando de Siqueira Rodrigues é Bacharel em Letras — Tradutor Português/Japonês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e revisor de textos. E-mail: <frelsi@gmail.com>.

³ Luciano Pimentel é Bacharel em Letras — Tradutor Português/Italiano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como revisor de textos e tradutor, com proficiência nas línguas inglesa e italiana. E-mail: <luciano.trad@gmail.com>.

— Por que ele faz isso?

— Ele diz que elas são mal-intencionadas, mas é claro que nem todo mundo é assim.

— O rei matou muita gente?

— Sim, o primeiro foi o cunhado. Depois foi o seu próprio herdeiro. Então, foi a vez da sua irmã e do filho dela. Não demorou muito, ele matou a rainha e, em seguida, o sábio Alekis.

— Que coisa horrível. O rei enlouqueceu.

— Não, o rei não enlouqueceu. Ele diz que não se pode confiar em ninguém. Ultimamente, andou desconfiando de seus serviçais e ordenou que os mais ricos entre eles lhe entregassem um refém cada. Aqueles que descumprissem seu desígnio seriam crucificados. Hoje seis pessoas foram executadas.

Melos se enfureceu ao escutar isso:

— Mas que rei deplorável. Não posso deixar que ele continue vivendo.

Melos era um homem simples. Com o peso das compras sobre seus ombros, marchou lentamente até o castelo real. Tão logo adentrou a fortificação, foi detido pelos guardas em ronda, que passaram a revistá-lo imediatamente. Um grande alvoroço se espalhou pelo recinto quando encontraram uma adaga em um de seus bolsos. Melos, então, foi levado à presença do rei.

— O que você pretendia fazer com esta adaga? Fale! — perguntou calmamente o tirano Dionísio, mantendo o tom solene. Seu rosto era pálido, e os vincos da sua fronte eram tão profundos que pareciam ter sido esculpidos.

— Eu ia livrar a cidade das mãos de um tirano — respondeu o pastor sem qualquer sinal de hesitação.

— Você? — o rei sorriu com desdém. — Que sujeitinho petulante. Você não sabe nada da minha solidão.

— Cale a boca! — retrucou Melos, irritado. — Duvidar do coração das pessoas é a pior coisa que alguém pode fazer. E você, um rei, duvida até mesmo da lealdade do seu povo.

— Foram vocês que me ensinaram a desconfiar de tudo e de todos, a não acreditar no coração dos homens. Em sua essência, o ser humano não passa de uma fonte inesgotável de egoísmo, o que o torna indigno de confiança.

Calmo, o tirano murmurou e suspirou profundamente:

— Contudo, o fato é que eu desejo a paz.

— E para que serve essa paz? Para defender seu trono? — agora era Melos quem ria com escárnio. — Que tipo de paz é essa, que mata inocentes?

— Cale-se, plebeu!

O rei ergueu o rosto rapidamente e respondeu:

— É muito fácil falar coisas bonitas assim, da boca para fora. Eu consigo enxergar o que os homens trazem nos recônditos de seus corações. Você logo será crucificado e pedirá perdão aos prantos. Mas eu não lhe darei ouvidos.

— Ah, mas que rei sábio. Você é mesmo muito convencido. Pois bem, estou preparado para morrer e jamais irei implorar pela minha vida. Porém...

Melos hesitou por um instante. Com os olhos voltados para baixo, prosseguiu:

— Porém, se tiver alguma clemência para comigo, gostaria de lhe pedir para que adie minha execução em três dias. Quero entregar a mão da minha única irmã ao noivo dela e preciso desse tempo para voltar à minha aldeia e realizar a cerimônia de casamento. É claro, eu vou retornar antes que o terceiro dia termine.

— Seu imbecil — disse o tirano em meio a uma risada rouca. — Acha mesmo que cairei nessa mentira? Diga-me, qual é o pássaro que volta para a gaiola depois de fugir?

— Sim, eu vou voltar! — insistiu o pastor, sua voz revelando desespero. — Eu cumpro o que prometo. Três dias, é só o que peço. Minha irmã aguarda o meu retorno. Mas já que não acredita nas minhas palavras, eis a minha proposta: nesta cidade, vive um pedreiro chamado Selinuntius. Ele é o meu melhor amigo, e eu o deixarei aqui como refém. Se eu não retornar em três dias, você vai poder crucificá-lo no meu lugar. Por favor, aceite essa oferta.

Essas palavras despertaram toda a crueldade do rei, que sorriu discretamente. “Que sujeito mais insolente. Está na cara que ele não voltará. Mas acho que será divertido fingir que fui engando por este mentiroso e deixá-lo ir. Também será um prazer executar seu substituto daqui a três dias. Ordenarei sua crucificação fazendo uma cara consternada, como se dissesse: ‘é por isso que não se pode confiar nos homens’. Isso servirá de lição a todos aqueles que se dizem honestos”.

— Muito bem, eu aceito o seu pedido. Pode chamar o pedreiro que irá substituí-lo. Você tem até o crepúsculo do terceiro dia para retornar. Caso se atrase, seu amigo será executado imediatamente. Mas um pequeno atraso fará bem a você, pois eu o perdoarei para sempre.

— O quê? O que foi que disse?

— Ha, ha! Se você preza por sua vida, é melhor chegar atrasado. Eu conheço bem o seu coração.

Melos ficou tão indignado que pisoteou o chão com raiva. Ele não tinha mais nada a dizer.

Selinuntius foi levado até o castelo tarde da noite. Ali, diante do tirano Dionísio, os dois se reencontraram após dois anos. O pastor contou tudo para o pedreiro, que, em silêncio, assentiu com a cabeça e o abraçou com firmeza. Não era preciso mais do que isso para que os dois amigos se entendessem. Selinuntius foi amarrado, e Melos partiu sem demora. Era início de verão, e o céu estava completamente estrelado.

Naquela noite, sem parar para dormir, ele percorreu o caminho de quarenta quilômetros o mais rápido que pôde, chegando à sua aldeia pela manhã. O sol já estava alto no céu, e os aldeões já haviam começado a trabalhar no campo. A jovem irmã de Melos estava cuidando das ovelhas em seu lugar. Ela ficou atônita ao vê-lo se aproximar cambaleando, completamente exausto pela viagem, e começou a enchê-lo de perguntas.

— Não foi nada — respondeu Melos, se esforçando para sorrir. — Preciso retornar à cidade rapidamente para resolver um assunto pendente. Vamos celebrar seu casamento amanhã mesmo. Quanto mais cedo, melhor.

Ela corou de vergonha.

— Está feliz? Comprei um vestido bem bonito para você. Vá e avise o resto da aldeia que a cerimônia vai ser amanhã.

Então, Melos tomou o rumo de casa, trôpego. Chegando lá, ele decorou o altar e arrumou as mesas para o banquete. Assim que terminou os preparativos, desabou no chão e caiu em um sono tão profundo que parecia ter parado de respirar.

Quando acordou, já era noite. Melos se levantou rapidamente e foi até a casa do noivo para lhe explicar que, devido a circunstâncias imprevistas, precisava pedir para que o casamento fosse realizado no dia seguinte. Perplexo, o rapaz respondeu que isso não seria possível, pois não conseguiriam fazer os preparativos a tempo, e pediu ao futuro cunhado para que esperasse até a época da colheita das uvas. Melos disse que não poderia esperar tanto tempo e insistiu para que a cerimônia fosse realizada no dia seguinte. O noivo também se mostrava irredutível, recusando-se a aceitar o pedido. A discussão se arrastou até o amanhecer, quando finalmente Melos conseguiu convencê-lo de suas razões.

O matrimônio foi realizado ao meio-dia. Assim que os recém-casados terminaram de fazer seus votos aos deuses, o céu ficou recoberto de nuvens escuras, e o chuvisco inicial logo deu lugar a um verdadeiro aguaceiro.

Os aldeões que compareceram ao banquete consideraram a virada do tempo um mau presságio, mas não se deixaram abater por tal pensamento e se puseram a cantar e bater palmas, animados, apesar do calor abafado dentro da pequena casa. Melos também estava radiante de alegria, chegando até a se esquecer, por um breve momento, da promessa que havia feito ao rei. O banquete ficou ainda mais animado com a chegada da noite, e as pessoas não se importavam mais com a chuvarada que caía lá fora. “Queria que a vida inteira fosse assim, convivendo com essas pessoas adoráveis”, pensou Melos. Porém, isso estava além do seu controle, pois sua vida já não lhe pertencia. A muito custo, ele finalmente tomou coragem e decidiu que partiria. Ainda faltava um bocado para o pôr do sol do dia seguinte. “Dá tempo de tirar um cochilo, daí vou partir para Siracusa assim que acordar. Até lá, a chuva já deverá ter diminuído”, disse consigo mesmo. Nem mesmo um homem como Melos é completamente

livre de apego, e, como não podia deixar de ser, era um tanto doloroso para ele ter que se despedir de tudo e de todos que amava. O pastor se aproximou da noiva, que estava completamente embevecida, como que embriagada de alegria:

— Meus parabéns! Desculpe, mas estou muito cansado e, se me der licença, gostaria de me retirar para dormir um pouco. Assim que acordar, vou partir rumo à cidade. Como disse antes, tenho um assunto muito sério para resolver por lá. Mesmo eu não estando por perto, você jamais vai se sentir sozinha, pois agora tem um marido bom e gentil. Você sabe muito bem que as coisas que seu irmão mais detesta no mundo são a desconfiança e a mentira. Tudo o que eu quero lhe dizer é que não pode haver segredos entre você e seu marido. O seu irmão é um homem honrado. Por isso, orgulhe-se dele também.

Com a cabeça nas nuvens, a noiva apenas assentiu. Então, Melos cutucou o ombro do noivo e lhe disse:

— Nenhum de nós pôde preparar as coisas direito. Os únicos tesouros que tenho na vida são minha irmã e minhas ovelhas, nada mais. São todas suas. Tudo que peço é que tenha orgulho de ter se tornado irmão de Melos.

O noivo esfregou as mãos sem saber o que dizer. Melos deixou o banquete sorrindo e saudando a todos. Ao chegar ao curral das ovelhas, deitou-se e dormiu profundamente.

Ao acordar na alvorada do dia seguinte, ele deu um pulo e pensou sobressaltado: “Pelos deuses! Será que dormi demais? Não, ainda tenho tempo suficiente. Se eu sair agora, vou chegar bem na hora marcada. Hoje vou mostrar para aquele rei que há pessoas honradas no mundo. E depois vou ser crucificado com um sorriso no rosto”.

Melos começou a se vestir calmamente. A chuva lá fora parecia ter diminuído de intensidade. Assim que terminou de se arrumar, agitou seus braços com vigor e disparou a correr.

“Eu vou ser morto hoje à noite. Estou correndo para os braços da morte, para salvar a vida do meu amigo, que ficou no meu lugar. E estou correndo para acabar com a artimanha do rei. Tenho que correr. E então vou ser morto. Mesmo sendo jovem, eu vou defender minha honra. Adeus, minha aldeia querida”.

O jovem Melos estava sofrendo. Esteve prestes a parar diversas vezes, mas resistiu, censurando-se em voz alta enquanto corria. Deixou a aldeia para trás, cruzou os campos e atravessou a floresta. Quando chegou à aldeia vizinha, a chuva já havia parado, o sol estava alto no céu, e o clima estava cada vez mais quente. Melos enxugou o suor da testa. Agora que havia conseguido chegar até ali, já não sentia mais o apego de antes por sua terra natal.

“Tenho certeza de que minha irmã vai ser feliz ao lado do seu marido. Já não tenho mais com que me preocupar. Tudo o que tenho de fazer é ir direto ao castelo, mas também não preciso me apressar demais”.

Melos diminuiu a velocidade dos passos, retomando seu jeito despreocupado de ser. Com a voz afinada, começou a cantarolar uma canção de que gostava. Continuou nesse ritmo por cerca de doze quilômetros e, quando atingiu a metade do caminho, parou, ao se deparar com uma adversidade inesperada. Que catástrofe! A forte chuva do dia anterior causou a inundação da nascente do rio, e uma ruidosa torrente lamacenta desceu as montanhas com grande fúria, destruindo completamente a ponte que ligava as duas margens. Atônito com o cenário à sua frente, ele permaneceu imóvel. Então, deu uma olhada ao seu redor e gritou o mais alto que pôde, porém não havia o menor sinal de embarcações ou barqueiros por perto. A correnteza aumentava cada vez mais, deixando o rio agitado como o oceano. Melos se agachou na margem e, chorando, levantou as mãos para o alto e suplicou a Zeus:

— Por favor, acalme essa correnteza! O tempo está se esgotando, e o sol já está bem alto no céu. Se eu não conseguir chegar ao castelo antes do poente, meu amigo querido vai morrer por minha causa!

Como se zombassem dos apelos de Melos, as águas lamacentas se agitaram ainda mais: suas ondas passaram a se retorcer e a quebrar com grande violência, devorando umas às outras enquanto o tempo se esvaía. Por fim, ele tomou uma decisão:

— Não há outra opção a não ser atravessar o rio a nado. Ah, deuses, sejam minhas testemunhas! Mostrarei que a força do amor e da honestidade não pode ser derrotada pela fúria desta correnteza.

Melos mergulhou no rio e começou sua luta contra as ondas violentas, que o atacavam e se contorciam à sua volta, como se fossem centenas de serpentes gigantes. Concentrando toda a força do corpo em suas braçadas, o pastor abriu caminho em meio à violência das águas e, sem nada temer, deixou para trás os redemoinhos que o tentavam engolir. Era como se, ao verem todo esse esforço, os deuses finalmente se mostraram misericordiosos. Mesmo tendo sido arrastado pela correnteza, ele conseguiu se agarrar a um tronco de árvore na margem oposta.

— Graças aos deuses!

Como um cavalo molhado, Melos agitou o corpo vigorosamente e começou a correr novamente. Não havia um minuto a perder, pois o sol já se inclinava para o oeste. Ofegante, ele subiu o monte em direção ao desfiladeiro. Bem quando começou a se sentir aliviado por ter chegado ao topo, um grupo de bandidos surgiu repentinamente diante dos seus olhos.

— Ei, espere aí.

— O que vocês querem? Preciso chegar ao castelo antes de o sol se pôr. Deixem-me passar.

— A gente não vai deixar. Passe para cá tudo o que você tem.

— Não tenho nada além da minha própria vida. Inclusive, vou dá-la ao rei ainda hoje.

— É sua vida mesmo que a gente quer.

— Vocês armaram esta emboscada a mando do rei, não foi?

Sem dizer nada, os bandidos levantaram seus sarrafos ao mesmo tempo. Com agilidade, Melos se agachou e investiu contra o homem mais próximo, arrancando o sarrafo de suas mãos.

— Lamento, mas faço isso em nome da justiça!

Num único instante, Melos derrubou três dos bandidos, antes de aproveitar o recuo dos demais para descer o monte o mais rápido que pôde. Ao chegar ao sopé, começou a sentir o peso do cansaço. Como se não bastasse, o sol da tarde ardia impiedosamente sobre sua cabeça. Lutando contra as ondas de tontura que iam e vinham persistentemente, ele resistiu com todas as suas forças até que, depois de cambalear dois ou três passos, caiu de joelhos. Não conseguia mais se levantar. Olhou para o céu e, chorando de vergonha, repreendeu a si mesmo:

— Ah, Melos! Você atravessou a correnteza e derrotou três bandidos para chegar até este ponto. Um verdadeiro herói. Mas aqui, neste momento, está tão cansado que já não consegue mais se mover. Muito em breve, seu querido amigo vai perder a vida por ter confiado em suas palavras. Você é exatamente o que o rei estava esperando: um exemplo perfeito de ser humano desonesto. Está tão exausto que até um verme conseguiria rastejar mais rápido do que você.

A muito custo, ele rolou para o lado da estrada, permanecendo deitado sobre a relva. Quando a fadiga toma conta do corpo, a mente também é afetada.

— Nada mais importa — disse a si mesmo. O desânimo, tão indigno de um herói, começou a invadir seu coração. — Fiz tudo o que pude. Não tinha a menor intenção de quebrar minha promessa. Os deuses são testemunhas de que fui até onde minhas forças permitiram. Corri até não conseguir dar mais um passo. Não sou um reles traidor. Ah, seu eu pudesse rasgar meu próprio peito, mostraria como meu coração é vermelho e como o sangue que corre nele é feito apenas de amor e sinceridade. No entanto, minhas forças me abandonaram no momento mais importante. Que desgraça a minha. Sem dúvida, eu e a minha família vamos ser ridicularizados. Enganei meu amigo. Desistir no meio do caminho é o mesmo que não ter feito nada desde o início. Bom, não importa mais. Este deve ser o meu destino. Selinuntius, me perdoe! Você sempre acreditou em mim, e eu nunca traí a sua confiança. Fomos grandes amigos e jamais deixamos uma sombra de dúvida sequer pairar sobre nossos corações. Mesmo agora, você deve estar me esperando, sem duvidar da minha chegada. Sim, é claro que está me esperando. Obrigado, Selinuntius, por ter acreditado em mim. E pensar nisso me causa uma dor insuportável, pois a confiança entre amigos é a coisa mais valiosa do mundo. Eu corri, Selinuntius. Não tinha a menor intenção de enganá-lo, acredite em mim! Cheguei até aqui o mais rápido que pude. Superei a força da correnteza, escapei do cerco dos bandidos e descii o monte a toda velocidade. Ninguém além de mim teria

conseguido fazer isso. Ah, mas não espere mais de mim, deixe-me em paz. Não importa mais, pois fui derrotado, sou uma vergonha. Podem rir de mim. O rei sussurrou no meu ouvido que seria bom se eu chegasse um pouco atrasado. Ele me prometeu que mataria o refém no meu lugar se eu fizesse isso. Como odiei sua covardia. Mas acontece que estou fazendo exatamente o que ele disse. Tudo indica que vou chegar atrasado. O rei vai rir da minha cara e me libertar, sem fazer cerimônia. Para mim, isso seria pior do que a morte. Eu seria um traidor por toda a eternidade, o homem mais desgraçado a andar sobre a terra. Selinuntius, eu também vou morrer. Vou morrer junto com você. Só você acreditaria em mim. Não, será que estou sendo complacente comigo mesmo? Não seria mais justo seguir vivendo como um pária? Tenho minha casa e minhas ovelhas na aldeia. Minha irmã e meu cunhado jamais me expulsariam de lá. Pensando bem, justiça, sinceridade e amor não significam nada. Matamos outros homens para que possamos seguir vivendo. Não é assim que o nosso mundo funciona? Ah, é tudo uma grande bobagem. Sou mesmo um traidor terrível. Façam de mim o que quiserem, nada vai mudar.

Ele se esparramou no chão e pegou no sono.

De repente, um ruído de água murmurante chegou aos seus ouvidos. Melos ergueu um pouco a cabeça, prendeu a respiração e apurou os ouvidos. Não parecia vir de muito longe. Ele se levantou com dificuldade e viu a água jorrando de uma fenda nas rochas. Ouvindo aquele burburinho suave, aproximou-se da fonte como que atraído por ela, curvou-se e bebeu a água com as mãos. Deixou escapar um longo suspiro: tinha a sensação de que acabara de despertar de um sonho.

— Eu posso andar. Preciso ir.

Um raio de esperança surgiu junto com a energia que voltava a animar seu corpo. A esperança de cumprir seu dever e salvar sua honra com o sacrifício da própria vida. As árvores pareciam arder em brasa com o brilho avermelhado do entardecer que reluzia em seus galhos e folhas. Ainda havia tempo até o sol se pôr.

— Ele está à minha espera e acredita cegamente no meu retorno. Meu amigo confia em mim. Minha vida já não importa, e minha morte não vai me redimir de nada. Preciso provar que sou digno da sua confiança. É só isso que importa agora. Corra, Melos! Ele confia em mim. Ele confia em mim. Aqueles sussurros dos demônios foram um sonho. Um pesadelo. Esqueça isso. A exaustão do corpo pode provocar pesadelos. Não há do que se envergonhar, Melos é um herói de verdade. Você não se levantou e começou a correr de novo? Graças aos céus, posso morrer como um homem digno. Ah, o sol está se pondo muito rápido. Zeus, espere por mim. Vivi honestamente desde que nasci. Por favor, deixe-me morrer como um homem honesto.

Correndo rápido como uma rajada de vento, Melos abriu caminho, empurrando quem estivesse pela frente. Atravessou um banquete a céu aberto a toda velocidade, assustando os convivas; chutou cachorros; saltou sobre córregos. Corria dez vezes mais rápido do que o sol poente. Ao passar por um grupo de viajantes que conversavam entre si, acabou escutando palavras de mau agouro:

— Neste instante, aquele homem já deve ter sido crucificado.

— Ah, aquele homem, é por ele que estou correndo deste jeito. — disse a si mesmo. — Não posso deixá-lo morrer. Depressa, Melos. Você não pode se atrasar. Chegou a hora de mostrar a força do amor e da honestidade.

A esta altura, Melos estava quase nu, mas a aparência não lhe importava mais. A dificuldade para respirar era imensa, e, por algumas vezes, teve de cuspir o sangue que invadia sua boca.

— Estou vendo. Parecem pequenas à distância, mas posso enxergar as torres de Siracusa. Elas brilham sob a luz do pôr do sol.

— Ah, senhor Melos — um gemido misturado com o vento chegou aos seus ouvidos.

— Quem é você? — perguntou Melos sem parar de correr.

— Eu me chamo Philostratos. Sou aprendiz do seu amigo Selinuntius! — gritou o jovem pedreiro enquanto corria atrás do pastor. — Agora é tarde, não adianta mais. Pare de correr, por favor. Você não pode mais salvá-lo.

— Não, o sol ainda não se pôs.

— Meu mestre deve estar sendo executado neste exato momento. Ah, é tarde demais. Que lástima! Se ao menos o senhor tivesse chegado um pouquinho antes!

— Não, o sol ainda não se pôs — Melos disse com os olhos fixos no grande sol vermelho do ocaso, pensando que seu coração fosse rebentar em seu peito. Não havia mais nada a fazer a não ser correr.

— Desista, senhor. Por favor, pare de correr. O que importa agora é a sua vida. Meu mestre acreditava no senhor. Permaneceu calmo mesmo quando o conduziam para o local da execução. E quando o rei o provocou, ele apenas respondeu: “O Melos vai vir”, tamanha era a fé que depositava no senhor.

— E é por essa razão que sigo correndo: porque ele acredita em mim. A questão não é se chegarei a tempo ou não. Nem tampouco é a vida de um homem. Estou correndo por algo muito maior e mais terrível. Venha comigo, Philostratos!

— O senhor enlouqueceu? Pois então corra! Pode ser que ainda haja tempo. Corra!

Nem precisava falar. Com o sol ainda fulgurando no céu, Melos fez um esforço derradeiro e correu desesperadamente. Já não passava um único pensamento por sua cabeça. Ele simplesmente continuava correndo, movido por uma força desconhecida. E, no exato

momento em que o sol desaparecia no horizonte lançando seus últimos raios de luz, Melos adentrou o local da execução como um vendaval. Ele havia conseguido.

— Esperem! Não podem matar este homem! Estou de volta, conforme prometi. Eu voltei! — ele tentou gritar o mais alto que pôde para que a multidão o ouvisse, mas o que saiu de sua garganta foi uma voz rouca, quase inaudível, e ninguém ali percebeu a sua chegada. A cruz já havia sido levantada, e Selinuntius, amarrado por cordas, estava sendo erguido lentamente. Ao ver isso, Melos, reunindo suas últimas forças, abriu caminho em meio à multidão exatamente como havia feito ao atravessar a correnteza turbulenta do rio.

— Sou eu, carrasco! Eu é que devo ser executado. Eu sou Melos, aquele que deixou este homem em seu lugar como refém. Estou aqui! — gritou ele com a voz rouca. Por fim, subiu ao patíbulo onde estava a cruz e agarrou as pernas do amigo, erguendo-as. Uma comoção tomou conta da multidão, que começou a gritar:

— Muito bem!

— Perdoe Melos!

— Bendito seja!

Selinuntius foi, enfim, retirado da cruz e desamarrado.

— Selinuntius! — disse Melos com os olhos repletos de lágrimas. — Pode me bater. Bata na minha cara com toda a sua força. Tive um sonho ruim quando estava vindo para cá. Se não me bater, não vou ter sequer o direito de abraçá-lo. Vamos, pode bater!

Selinuntius pareceu ter compreendido tudo, acenou positivamente com a cabeça e acertou um soco tão forte do lado direito do rosto do amigo que o som ecoou por todo o local. Logo depois, ele disse sorrindo:

— Melos, pode me bater. Bata no meu rosto com a mesma força. Na verdade, cheguei a duvidar de você uma única vez nesses três dias. Foi a primeira vez que isso me aconteceu em toda minha vida. Não vou ter o direito de abraçá-lo se você não me bater.

Então, Melos acertou o rosto de Selinuntius com toda a força do seu braço.

— Obrigado, amigo — disseram os dois ao mesmo tempo em um abraço apertado. As lágrimas começaram a correr abundantemente de seus rostos.

Havia também soluços de choro vindos da multidão. Por trás dela, o tirano Dionísio assistia atentamente aos dois. Logo em seguida, ele se aproximou deles sem fazer barulho e, com o rosto corado, falou:

— O seu desejo se realizou. Vocês venceram o meu coração. A honestidade não é apenas um delírio vazio. Bom, eu também tenho um desejo: gostaria de saber se vocês me aceitariam como amigo. Por favor, deixem-me fazer parte disso.

De repente, a multidão começou a gritar de alegria:

— Viva! Vida longa ao rei!

Foi então que uma menina se aproximou e entregou um manto escarlate a Melos, que ficou visivelmente perplexo. Selinuntius percebeu a hesitação do amigo e lhe explicou prontamente:

— Melos, você está completamente sem roupas. Ponha logo este manto. Esta linda menininha não pode suportar a ideia de que todos estão vendo o seu corpo nu.

O rosto do herói ficou enrubescido de vergonha.

(Inspirado em uma antiga lenda e em um poema de Schiller.)

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Corra, Melos. Tradução de Fernando Siqueira Rodrigues. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 85–95, 2017.